

Contato Cultural e Fronteiras Étnicas no Litoral do Piauí: Problemáticas e Possibilidades

Cultural Contact and Ethnic Borders in the Coast of Piauí: Problems and Possibilities

Hebert Rogério do Nascimento Coutinho

Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí

Professor da Universidade Federal do Piauí

Email: hebert262@hotmail.com

Flávio Rizzi Calippo

Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo

Professor da Universidade Federal do Piauí

Email: calippo@ufpi.edu.br

Endereço: Hebert Rogério do Nascimento Coutinho
Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Bairro Ininga – Teresina/PI.

Endereço: Flávio Rizzi Calippo
Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Bairro Ininga – Teresina/PI.

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 09/08/2017. Última versão recebida em 15/09/2017. Aprovado em 16/09/2017.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo refletir sobre os aspectos culturais responsáveis pela criação do contexto arqueológico oriundo das relações estabelecidas entre o nativo e o colonizador na costa piauiense. Para tanto, foram estabelecidos como procedimentos metodológicos análises *in situ* de sítios arqueológicos presentes na faixa costeira do Piauí, dados etno-históricos e levantamentos bibliográficos da literatura pertinente. Como aparato teórico foram elencados autores que discorrem sobre a Arqueologia do Pluralismo (LIGHTFOOT, 1995; DEETZ, 1963, 1991; DEAGAN, 1985) que trata de contextos culturais particulares, criados através de interações multi-étnicas, assim como a Antropologia Ambiental de Tim Ingold (2000; 2002; 2010). Essa pesquisa tornou possível a percepção de que contextos ambientais específicos foram ocupados em detrimentos de estratégias estabelecidas em contextos culturalmente construídos, fato esse observado na composição espacial dos sítios arqueológicos presentes nessa região.

Palavras-chave: Litoral do Piauí. Fronteiras Étnicas no Litoral do Piauí. Índio na Costa Piauiense

ABSTRACT

This research aims to reflect on the cultural aspects responsible for the creation of the archaeological context arising from the relations established between the native and the colonizer on the coast of Piauí in the first centuries of colonization. For that, methodological procedures were established in situ analyzes of archaeological sites present in the coastal range of Piauí, ethno-historical data and bibliographical surveys of the pertinent literature. As a theoretical apparatus, authors who discuss the Archeology of Pluralism (LIGHTFOOT, 1995; DEETZ, 1963, 1991; DEAGAN, 1985) are addressed, dealing with particular cultural contexts created through multi-ethnic interactions, as well as Tim's Environmental Anthropology Ingold (2000, 2002, 2010). This research made possible the perception that specific environmental contexts were occupied in detriment of established strategies in culturally constructed contexts, fact observed in the spatial composition of the archeological sites present in this region.

Keywords: Piauí Coastline. Ethnic Borders on the Coast of Piauí. on the Coast of Piauí

1 INTRODUÇÃO

Os questionamentos que vêm sendo construídos sobre o contexto arqueológico dos sítios da costa piauiense (COUTINHO, 2013, 2016), trouxeram uma problemática teórica e metodológica quando tentamos indagar sobre as relações estabelecidas entre os grupos que ocupavam o litoral do Piauí e o colonizador europeu. Sabe-se que, após o contato com esses grupos, diversas formas de se relacionar (guerras, acordos, etc.) ocorreram entre ambos. Porém, quando tomamos a cultura material como resultado dessas relações, há uma distinção na forma de analisá-las.

Apesar do ainda incipiente estudo sobre a cultura material presente nos sítios arqueológicos do litoral do Piauí, os dados etno-históricos nos incitam a levantar alguns questionamentos. Primeiro, sabe-se que os europeus que tentaram colonizar a costa do Piauí, tiveram diversas dificuldades em efetivar seus domínios nessa região. Uma das principais causas para essa dificuldade, segundo Borges (2007, 2010), foi a resistência indígena à instalação de núcleos de ocupação colonial, aliada a fatores naturais para dificultar a invasão dos colonizadores interessados no domínio do litoral do Piauí. Dessa forma, sabendo dessa resistência, pensa-se em articulações criadas e em possíveis alterações sociais e políticas dos grupos costeiros nativos que tiveram que acontecer, para que fosse possível combater a entrada dos invasores nas suas terras.

Para o entendimento das diversas relações estabelecidas na costa piauiense, alguns elementos teóricos foram discutidos ao longo dessa pesquisa. A contribuição da Antropologia Ambiental proposta por Tim Ingold (2000, 2010) reside nas discussões sobre como a percepção do ambiente por parte desses grupos influencia na ocupação dessas áreas e, principalmente, como essa relação entre cultura e ambiente se reflete no universo simbólico de tais grupos étnicos que ocuparam a faixa litorânea do Piauí no momento da colonização europeia.

A Arqueologia do Pluralismo proposta por Kent Lightfoot (1995) traz um olhar interessante sobre as relações estabelecidas entre os grupos nativos e o colonizador. Esse autor afirma que contextos multi-étnicos são gerados através de relações entre os grupos que habitavam determinada região e sua convivência com grupos colonizadores.

Assim, pensando a continuidade dessas relações em termos temporais, a questão que se segue é como analisar essas relações de contato, tomando como base os sítios arqueológicos, onde tais análises sofrem uma ruptura conceitual entre história e pré-história,

ruptura essa que remete a um problema mais amplo, o qual exige novos esforços teóricos e metodológicos para entender os sítios arqueológicos do litoral do Piauí sem estratigrafia¹ e em palimpsestos.

É importante ressaltar que esse debate epistemológico não será o foco desse trabalho, porém, sabendo de sua existência e tendo na sua resolução uma das alternativas para o andamento de trabalhos posteriores sobre a temática indígena na costa do Piauí, é de suma importância iniciar uma discussão sobre essa problemática. Para que seja iniciada essa discussão alguns conceitos devem ser estabelecidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Construindo o conceito de Fronteira Étnica

Algumas mudanças aconteceram ao longo da década de 1980, período em que o olhar dos historiadores e antropólogos sobre o papel do índio nas relações com o colonizador alterou a forma de inserir o indígena nessa discussão e, conseqüentemente, alterando alguns conceitos, como a noção de fronteira. Boccara (2002) aponta algumas perspectivas que sofreram mudanças:

[...] tomar en cuenta el punto de vista indígena en la operación de reconstrucción de los procesos históricos coloniales; analizar los procesos combinados de resistencia, adaptación y cambio, dejando atrás la vieja dicotomía entre permanencia de una tradición inmemorial por un lado y dilución de la entidad india vía un mecanismo de aculturación impuesta por el otro; prestar atención a la emergencia de nuevos grupos e identidades o de **new peoples** a través de los múltiples procesos de mestizaje y etnogénesis (p.48, grifos do autor).

Desta forma, as análises sobre o indígena em seu contexto histórico são conduzidas a romper com o conjunto de dicotomias que distorcem suas realidades, assim como, buscar

[...] en las reconfiguraciones étnicas y en las reformulaciones indetitarias, los elementos que permitan dar cuenta tanto de las conceptualizaciones nativas relativas al tremendo choque que representaron la conquista e conlonizacion de América como de las capacidades de adaptación e reformulación de las <<tradiciones>>que desembocaron en la formación de mundos nuevos en al Nuevo Mundo (BOCCARA, 2002, p. 48)

Essas mudanças ocorridas na antropologia histórica trouxeram profundas mudanças nos estudos latinos americanistas que estudam os fenômenos de desestruturação e

¹ Estratigrafia é o ramo das geociências que estuda a sucessão e a idade das rochas e todos os seus caracteres, propriedades, atributos e paleoambientes (NOWATZKI, 2005).

reestruturação inseridos em um contexto de dominação colonial. Segundo Wachtel (1992 apud BOCCARA, 2005), por meio do estudo da *práxis* dos dominados é que foi possível restituir parte da *agency* das populações nativas demonstrando, dessa forma, que o processo de aculturação não é sinônimo de conversão nem tão pouco foi percebido pelos mesmos agentes sociais como abandono das tradições chamadas ancestrais. Portanto, a resistência dos povos nativos não quer dizer que essa seja uma operação negativa ou conservadora de preservação tradicional e dos modos de organização pré-coloniais. Assim,

[...] para apreender las modalidades del contacto y sus efectos sobre las sociedades amerindias hace falta estudiar la praxis de los nativos, vale decir “reconectar los acontecimientos a las estructuras y restituirle sentido a estas últimas reubicándolas en el flujo de la historia (WACHTEL 1966: 93 apud BOCCARA, 2005).

Um conceito estabelecido nesse trabalho para o andamento da problemática epistemológica supracitada é a noção de fronteiras étnicas. Esse conceito está inserido em uma discussão mais ampla, cujas análises etnohistóricas relativas às dinâmicas sócio-culturais do Novo Mundo tratam desse conceito como uma forma de se desvencilhar dos discursos etnocêntricos. Para Guillaume Boccara, a obra de Nathan Wachtel, *Los Vencidos*, é tida como um divisor de águas no processo de investigação dessa temática, onde a reflexão sobre a natureza dos contatos inter-étnicos e interculturais em zonas fronteiriças é tida como um dos pilares dessa reconfiguração.

Ao analisar a noção de fronteira em algumas produções, é possível perceber seu caráter etnocêntrico, onde a história do Novo Mundo somente distinguiu centros e periferias. Dessa forma, Boccara (2005, p. 32) coloca que a noção de fronteira aparece como “[...] un estado natural, objetivo, como una noción que adhiere perfectamente al fenómeno universal del contacto entre dos entidades políticas y culturalmente diferentes”. Assim, poderia dizer que, em certos estudos, a fronteira é usada como, literalmente, um contato. Justamente nesse ponto reside o problema pois, sabendo que a noção de fronteira é um espaço ideológico ou materialmente construído, o fato de considerá-la como uma instituição ou fenômeno social impede questionamentos sobre a percepção, ou não do universo indígena que a mesma implica (BOCCARA, 2005).

Boccara traz essa ideia como uma necessidade de conquista por parte do colonizador europeu que, através dos mecanismos de poder, os grupos indígenas são vistos como grupos homogêneos, inseridos em um marco espaço-temporal específico, funcionando em um equilíbrio estável, dentro de fronteiras étnicas e políticas bem definidas. Assim, todos os grupos são tidos como dotados de uma mesma cultura.

Para esse autor é fundamental pensar a fronteira não como dada *a priori*, pois a mesma é pensada e tem funcionado como espaço transicional. Portanto, pensar e construir a fronteira como espaço-tempo de transição nos conduz a um pensamento inicial onde existem diferenças culturais e políticas essenciais entre os grupos que vivem em ambos os lados desse limite. Assim, Boccara (2005, p. 33) afirma que antes de ser considerada como uma fronteira, nos seus aspectos espacial e transicional, com a possibilidade de circulação permanente de sujeitos, objetos e ideias, a zona de contato foi idealizada como limite.

Com a adoção da noção dessa fronteira, algumas considerações são pertinentes. Essa ideia nos dá a possibilidade de olhar para os grupos indígenas de uma outra forma desvencilhada de um olhar etnocêntrico onde, as relações estabelecidas nos espaços fronteiriços incluem outros tipos de relações, como, por exemplo, as relações simbólicas. Como afirma Boccara (2005, p. 33)

[...] Desde esta perspectiva parece más pertinente hablar de un límite que tiende a transformarse en frontera o de una frontera cuyo horizonte es no tener más límite a medida que se van implementando los mecanismos de inclusión e incorporación de la alteridad a través de la construcción de otro tipo de diferencia; una diferencia social ya no pensada en clave civilizacional pero sí necesaria a la reproducción de los mecanismos de explotación y de extracción de tributo. Por lo tanto, la misión de los intermediarios consiste en hacer desaparecer ese límite con el fin de unir los nuevos grupos sobre una base sana y realmente universal [...]

2.2 Arqueologia do Pluralismo e Contextos Multi-Étnicos: estabelecendo um olhar na costa piauiense

Sabendo que a construção do discurso sobre as relações estabelecidas entre os grupos indígenas e o colonizador europeu se deu de forma centralizada no colono, e que esse olhar não fará parte das análises desenvolvidas nessa pesquisa, a noção das consequências desse contato índio/europeu no litoral do Piauí será visto aqui como causa da criação de contextos particulares que, possivelmente, tenham criado dinâmicas culturais que resultaram em situações peculiares. Porém, essas análises só poderão ser feitas depois de pesquisas exaustivas em torno da cultura material presente nos sítios do litoral do Piauí.

Ainda não temos dados suficientes para partir para esta etapa, então vejamos a problemática seguinte: a relação temporal desse contato e suas consequências no surgimento de um contexto arqueológico.

Como já se sabe que existe uma diferença epistemológica referente aos conceitos de história e pré-história em arqueologia, a dúvida que segue é a seguinte: como analisar esses

sítios sendo que as relações que se estabeleceram nessas áreas, relações estas que foram responsáveis pela sua construção, transcendem a noção de história e pré-história? Existe uma maneira de estudar essas relações sem haver uma quebra metodológica e teórica?

Esses questionamentos já fazem parte de estudos desenvolvidos por antropólogos históricos e etnohistoriadores que estudaram as relações de contato cultural entre as sociedades coloniais e os europeus. Esses pesquisadores se depararam com contextos particulares criados a partir dessas relações, onde os grupos nativos passaram a ser um dos agentes nessas relações. No caso do Piauí, como já se sabe da participação indígena no processo de retardamento da ocupação do litoral leste-oeste, entender o contexto arqueológico e a importância de cada área para esses grupos passa a ser fundamental na construção do entendimento sobre os grupos construtores desses sítios.

Kent Lightfoot coloca a Arqueologia em um patamar diferenciado quando trata da solução para suprir a necessidade de entender as dinâmicas culturais em contextos multi-étnicos, justamente por poder contar com a cultura material resultante dessas relações. Para esse autor, mesmo na sua infância, a Arqueologia do Pluralismo pode propor modelos teóricos e metodológicos, na tentativa de realizar análises diacrônicas da cultura material derivada de contextos multi-étnicos.

Lightfoot (1995) coloca que, na medida em que os trabalhos dos arqueólogos pré-historiadores e historiadores foram se desenvolvendo e se deparando com contextos multi-étnicos, a consciência do pluralismo foi aumentando, ocorrendo vários acontecimentos como simpósios e eventos científicos, onde alguns pesquisadores expandiram seus horizontes de pesquisa para além da cultura material, como J. Deetz (1963, 1991) e K. Deagan (1985).

Da mesma forma que alguns pesquisadores defendem um corpo teórico e metodológico nas análises de sítios arqueológicos resultantes de contatos multi-étnicos, existem pesquisadores que defendem manutenção de tais contextos sociais e culturais. Robert Dunnell e Dobyns argumentam que catástrofes de epidemias podem reduzir de maneira drástica populações indígenas. Assim, populações indígenas, antes do contato com o europeu e a ausência de doenças letais, apresentavam outros níveis populacionais, práticas econômicas e práticas sociopolíticas diferente dos grupos remanescentes.

Portanto, para Dunnell (1991 *apud* LIGHTFOOT, 1995) os índios são muito mais um fenômeno resultante do contato e derivam somente de uma pequena fração dos povos e da variabilidade cultural do início do século XVI. Para esses autores os métodos da arqueologia pré-histórica são adotados no estudo das sociedades indígenas antes e durante o contato com a cultura europeia, descartando o uso de fontes etnográficas e a abordagem histórica. Para

Deagan (1988 *apud* LIGHTFOOT, 1995) e Beaudry (1988 *apud* LIGHTFOOT, 1995) a arqueologia histórica deve ser vista como um campo separado da arqueologia pré-histórica. Para esses autores as duas se diferem no tocante a adoção de documentos históricos no estudo do processo de colonização do “Novo Mundo”.

Desta forma, entendendo que as fronteiras étnicas ultrapassam a noção espacial onde, tanto o indígena quanto o colonizador têm seu papel na construção desses contextos particulares, nesse trabalho, as análises foram desenvolvidas a partir de uma noção temporal diacrônica é, a partir dessa, não houve uma distinção entre história e pré-história encaixada nos moldes europeus ou norte-americanos. Para dar subsídios para análises futuras, indagaremos sobre a percepção do ambiente que circunda esses sítios na tentativa de entender como essas áreas foram ocupadas e para que foram ocupadas. É de fundamental importância discutir sobre como os ocupantes desses sítios compreendiam essas áreas e como obtinham seus recursos, e ainda, porque permanecer naquele local e ocupá-lo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Paisagem e Percepção Ambiental no litoral do Piauí: olhares e possibilidades

Uma das intenções de nossas análises é indagar sobre a forma como os grupos que habitavam o sítio arqueológico Três Marias se relacionavam com ambiente e a paisagem do litoral piauiense. Essas análises serão uma das alternativas com o intuito de entender como esses sítios foram habitados e, conseqüentemente, construídos. Pautado na percepção ambiental proposta por Ingold faremos, inicialmente, uma análise do ambiente. Para Ingold (2008, p. 1797) a vida não se limita a um processo de ocupar um lugar já existente “[...]but one that is inhabited is woven from the strands of their continual coming-into-being”.

A Antropologia Ecológica de Tim Ingold traz consigo uma discussão crítica sobre o paradoxo estruturalista de separação entre cultura e natureza, estabelecendo uma relação dialética entre essas duas esferas, onde uma tem influência sobre a outra em uma troca mútua. Ingold (2000) analisa a cultura, natureza e o ambiente, a partir de uma perspectiva onde essas três esferas são interligadas e complementares. Para tanto, esse autor sugere “[...] that human beings inhabit discursive worlds of culturally constructed significance is to imply that they have already taken a step out of the world of nature within which the lives of all other creatures are confined [...]” (p. 14).

Tendo em vista que outros grupos estudados pelo autor sugerem o inverso, Ingold percebe o sistema cultural como uma cosmologia que exige do observador um passo fora do mundo cultural, onde todos os outros seres humanos estão confinados. Isso implica uma análise totalmente fora das duas esferas (Natural e Cultural) onde o entendimento de uma das duas possa ocorrer.

Em seus textos, Tim Ingold tenta substituir a dicotomia entre cultura e natureza, pela sinergia dinâmica de organismo e ambiente, na intenção de recuperar uma verdadeira ecologia da vida. O termo “ecologia” utilizado por esse autor é bastante diferente do conceito utilizado pelo pensamento moderno. Está fundamentado nas discussões críticas realizadas por Gregory Bateson (1973) sobre a visão estruturalista de Claude Lévi-Strauss. Ingold (2000) utiliza o termo “Ecologia da mente” empregado por Gregory Bateson (1973) para iniciar um debate sobre a dicotomia mente e natureza. Para Bateson (1973) existem duas ecologias: uma ecologia de materiais e trocas de energia e uma ecologia das ideias, sendo esta última conceituada como “Ecologia da mente”.

Para Lévi-Strauss a mente é vista como um processador de informações que está ancorada no funcionamento do cérebro, o qual funciona a partir de padrões de conhecimento do mundo exterior. Dessa forma, o mundo apreendido pela mente é estruturado por níveis de intermédio de percepção sensorial para altos níveis de funcionamento intelectual. Assim, a mente processa os dados empíricos que recebe previamente pelos sentidos e órgãos. Portanto, para Levi Strauss, mente e corpo fazem parte de uma única e mesma realidade (INGOLD, 2000).

Para Bateson (1973) ecologia e mente estão ligadas na relação entre o cérebro e o meio circundante. Desse modo, Ingold (2010, p. 18) afirma que não existia importância no agrupamento de dados recebidos de forma estruturada, passo a passo, “[...] but rather as the unfolding of the whole system of relations constituted by the multi-sensory involvement of the perceiver in his or her environment”.

Dentro da abordagem proposta por Tim Ingold sobre o conceito de “Ecologia”, o qual foi utilizado nesse trabalho, um ponto chave foi colocado pelo autor nessa discussão: para Lévi-Strauss a mente decodifica as mensagens enviadas pelo ambiente, enquanto que, para Gregory Bateson o mundo se abre para a mente através do processo de revelação. Assim, Ingold constrói sua abordagem pautada em uma proposta de não separar a mente da ecologia, propondo uma discussão voltada para a relação entre forma e processo (INGOLD, 2000).

Partindo dessas indagações supracitadas, essa pesquisa construiu um olhar ecológico simétrico onde a “ecologia de fluxos de energia e intercâmbio de matérias”, juntamente com uma “ecologia da mente”, coloca que o indivíduo, ao se movimentar, observa seu entorno e,

percebendo o ambiente circundante, este se revela em todos os seus aspectos naturais, culturais e sociais. Destarte, foi delineada uma visão sociocultural, considerando, também, todos os seus aspectos naturais de construção do ambiente nas paisagens onde se encontram os sítios arqueológicos do litoral do Piauí.

Nesse sentido, mesmo não tendo analisado os artefatos arqueológicos resultantes dos contextos sócio-culturais dos grupos que habitaram os sítios arqueológicos do litoral do Piauí, o olhar lançado sobre estes grupos é de que as relações estabelecidas entre nativo e natureza proporcionaram uma ocupação dessas áreas de acordo com as necessidades políticas, sociais e culturais, onde o ambiente acrescentou particularidades nesses grupos, relação esta que se reflete no contexto arqueológico presente na costa do Piauí. Em suma, a disposição da cultura material em termos espaciais, vem a corroborar com essa perspectiva, pois os sítios arqueológicos foram vistos aqui como áreas de ocupação e não como “sambaquis”², onde essas ocupações se deram de forma oportuna dentro das diversas dinâmicas políticas e culturais concomitantes às relações estabelecidas com os colonos europeus.

3.2 Percebendo a paisagem do litoral do Piauí: sítios arqueológicos e sua inserção no ambiente costeiro

A percepção ambiental traz novas perspectivas sobre os grupos que habitaram esses sítios, e mais um questionamento surge: de que forma tais grupos compreendiam o ambiente do litoral do Piauí, qual sua relação com os diversos ambientes que circundam os sítios e como tais ambientes eram percebidos por eles?

Dentro da sua perspectiva econômica da relação entre o homem e a obtenção dos recursos naturais para sua subsistência, Ingold (2000) traz uma discussão voltada para um olhar simétrico nas relações sócio-culturais estabelecidas entre o homem e a influência do ambiente na racionalidade dos grupos caçadores-coletores. Esse autor lança um olhar sobre as populações caçadoras-coletoras, onde a racionalidade desses grupos é tida como o fator diferencial. Para Ingold a ideia do “forrageador ideal” assume um caráter prático, quando se

² Segundo DeBlasis (*et. al.* 2007, p. 30) o termo “Sambaqui” é conceituado como “[...] sítios arqueológicos monticulares distribuídos por toda a costa brasileira, ocupando principalmente zonas de tons ecológicos cambiantes, como regiões lagunares e áreas recortadas de baías e ilhas”. Nos últimos anos, esses sítios vêm sendo considerados como estruturas intencionalmente construídas, imbuídas de significação simbólica para seus construtores. Scheel-Ybert (2003, p. 130) afirma que Sambaquis “eram locais de habitação e de sepultamento, [...] onde teria havido uma especialização de alguns sítios em locais funerários (FISH *et al.*, 2000 apud SCHEEL-YBERT, 2003)”. Assim como, também, foram construções monumentais edificadas com a intenção de ser marcos paisagístico (DEBLASIS *et al.*, 1998 apud SCHEEL-YBERT, 2003).

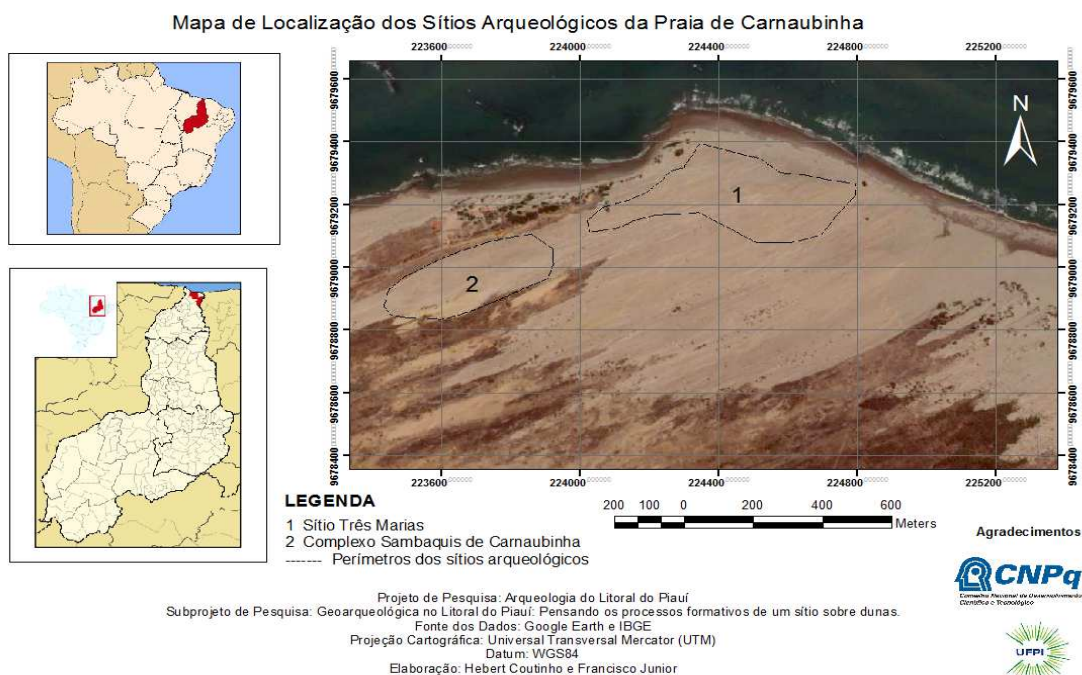
pensa na eficácia e eficiência do seu trabalho. Os grupos caçadores-coletores passam a ser vistos como forrageadores ideais, onde o objetivo primordial é maximizar o balanço entre energia de consumo de recursos capturados e custos de energias despendidas (INGOLD, 2000).

Dessa forma, a distinção entre o homem econômico e o forrageador ideal, para Ingold (2000, p. 29) reside no fato de que o

[...]Economic man, surely, exercises his reason in the sphere of social interaction, and in so doing advances in culture or civilisation, against the background of an intrinsically resistant nature. The rationality of the optimal forager, by contrast, is installed at the very heart of nature, while the specifically human domain of society and culture is seen as a source of external normative bias that may cause behaviour to deviate from the optimum.

Esse olhar proposto por Ingold abre um leque de possibilidades para que se possa entender de que forma os grupos do litoral do Piauí percebiam o ambiente. Por exemplo, uma das alternativas é que fatores culturais e possibilidades de escolha possam influenciar no processo de obtenção dos recursos. No caso da região da Praia de Carnaubinha, na qual se localiza o sítio Três Marias e o Complexo de Sambaquis de Carnaubinha, é uma região com dunas fixas e com ótima visibilidade das áreas adjacentes onde se encontram áreas de disposição de recursos alimentares (Mapa 1).

Mapa 1 – Localização da área arqueológica da Praia de Carnaubinha-PI.



Fonte: Coutinho (2016).

Ingold (2010) traz uma proposta voltada para a educação da atenção, onde as habilidades humanas são tidas como propriedades emergentes de sistemas dinâmicos, onde cada geração alcança e ultrapassa a sabedoria de seus predecessores através de um processo de habilitação (*enskilment*) e não de enculturação, descartando a ideia de uma transmissão cultural baseada apenas no acúmulo de representações.

Assim, como pensar na criação de contextos particulares voltados para a relação com o ambiente, criados a partir da relação índio e colonizador? Essa resposta é baseada nas observações realizadas *in situ* do contexto arqueológico dos sítios do litoral do Piauí. Por exemplo, na região da Praia de Carnaubinha, no sítio Três Marias, têm-se áreas de concentração de material malacológico³ na porção leste do sítio. Então, por que esse material ocorre em grande concentração nessa porção do sítio? Será que está ligado a uma ocupação estratégica relacionada com períodos do ano, onde é possível se proteger do vento mais intenso?

Foi observado que durante o segundo semestre do ano os ventos sopram com mais intensidade. Logo, seria mais conveniente ocupar a parte mais baixa do sítio para se proteger do vento. Nos arredores dos sítios existem áreas de alagamento sazonal, podendo ser fonte de captação de recursos alimentícios. Então, qual seria a relação estabelecida entre esses grupos e o ambiente para melhor aproveitamento da área e desses recursos? Essas primeiras indagações são base para um questionamento mais distante. Tendo entendido qual a relação desses grupos com o ambiente, a questão mais ampla seria entender como essa relação ambiental foi passada para gerações posteriores contemporâneas ao processo de colonização do Piauí, e como essas relações ambientais foram modificadas ao longo do tempo, de acordo com as necessidades políticas, sociais e culturais e, porque não, ambientais?

Pela proposta de Ingold, o leque de possibilidades é mais amplo, pois essa dinâmica de relação ambiental pode ser pensada sem estar vinculada aos moldes já pré-estabelecidos para sítios costeiros, moldes esses em que foram encaixados os sítios do litoral do Piauí. Para Ingold (2010), as etapas dessa transmissão ocorrem da seguinte forma: quando uma transmissão de informação é efetuada cada etapa de externalização comportamental, etapas estas que transformam a representação mental em representação pública é complementada por mais uma etapa de internalização perceptual, transformando a representação pública novamente em representação mental.

³ Moluscos em geral (Colley *et. al.* 2012).

Aplicando essa abordagem à proposta desse trabalho, é possível pensar em uma transmissão de comportamento da seguinte forma: existia uma relação desses grupos com o ambiente, ao longo do tempo essas relações foram alteradas de acordo com as necessidades de cada geração, tendo como base os ensinamentos repassados dos seus ancestrais. Durante a tentativa de colonização, esses grupos alteraram seus comportamentos ambientais, adequando-os às necessidades que lhes apareciam na intenção de manter sua autonomia na área. Essa perspectiva nos dá a possibilidade de questionar se o contexto arqueológico da costa do Piauí se encaixa, ou não, nos moldes dos sítios costeiros, como, por exemplo, a ideia de “sambaquis” ou sítios de acumulados conchíferos.

Então, como pensar a relação entre o ambiente utilizado pelos indígenas e como tais grupos interagiam com esse ambiente? Como esses grupos obtinham seus recursos? Para Ingold (2000) a natureza é culturalmente construída. Esse processo se baseia na noção de que os seres humanos são os únicos animais que ocupam os chamados “mundos intencionais” (SHWEDER, 1990 *apud* INGOLD, 2000, grifos do autor). Por consequência, para esses habitantes.

[...] things do not exist ‘in themselves’, as indifferent objects, but only as they are given form or meaning within systems of mental representations. Thus to individuals who belong to different intentional worlds, the same objects in the same physical surroundings may mean quite different things. And when people act towards these objects, or with them in mind, their actions respond to the ways they are already appropriated, categorised or valorised in terms of a particular, pre-existent design. That design, transmitted across the generations in the form of received conceptual schemata, and manifested physically in the artificial products of their implementation, is what is commonly known as ‘culture’[...] (INGOLD, 2000, p. 40).

Portanto, os ambientes dos seres humanos são culturalmente construídos e, quando se fala em ambiente como parte da natureza, este, também, tem que ser entendido como um artefato cultural de construção. Assim, segundo Ingold (2000) a cultura fornece o plano de construção e a natureza é o edifício. Então, tentando construir uma percepção voltada para o modo como os habitantes percebem o ambiente que ocupam, esse autor lança um olhar onde a intenção não é de fazer uma distinção entre os “mundos intencionais” dos grupos étnicos com a visão dos cientistas ocidentais humanistas, até porque tal comparação nem seria possível. A proposta se fundamenta na ideia de que “[...]apprehending the world is not a matter of construction but of engagement, not of building but of dwelling, not of making a view of the world but of taking up a view in it” (INGOLD, 2000, p. 42).

3.3 Construindo relações entre o ambiente e cultura

Essa perspectiva de Ingold nos permite analisar esses grupos que habitaram os sítios arqueológicos do litoral do Piauí como grupos que mantiveram relações com o ambiente, de tal forma que sua vivência no cotidiano com os diversos recursos naturais disponíveis proporcionou-lhes um determinado tipo de relação com o meio.

Nesse sentido, voltando à questão de como esses grupos obtinham seus recursos é possível fazer alguns levantamentos. Primeiro, nas áreas adjacentes aos sítios do litoral do Piauí existe uma considerável variedade de ecossistemas como alternativa para uma alimentação diversificada, juntamente com o mar. Na área da Praia de Carnaubinha existem duas lagoas próximas que podem ser utilizadas como áreas de pesca e coleta de material malacológico. É importante lembrar que nos arredores dessas lagoas existem sítios arqueológicos, como por exemplo, o sítio da Baixa Fria e o Seu Bode.

O mar é uma importante fonte de captação de recursos alimentares. Nos documentos históricos existe menção aos índios Tremembé como exímios nadadores. Os trabalhos de F. Calippo (2010) trazem contribuições pertinentes no tocante à relação dos povos que ocupavam o litoral brasileiro e o mar. Sua proposta é de que esses grupos se estabeleceram ao longo dos vales dos rios que, com o passar do tempo, foram sendo obstruídos como consequência da elevação do nível do mar. No contexto do litoral do Piauí são identificadas áreas que, possivelmente, tinham conexões com o mar, mas o avanço das dunas obstruiu essas passagens. Se as análises confirmarem esses paleocanais⁴, uma parte do contexto arqueológico será esclarecida, pois alguns sítios aparecem dispostos às margens de lagoas sazonais, lagoas estas que fazem parte da continuidade de paleocanais que recortam o litoral do Piauí.

Se essas áreas, no passado, faziam parte de áreas marginais de paleoestuários⁵, a possibilidade de esses grupos se utilizarem desses espaços para conseguir seus recursos alimentares é mais próxima. Existe, também, uma vegetação de restinga que pode ter servido como área de caça e coleta de alimento. Mesmo não sendo muito densa nos dias atuais, essas áreas podem ter tido um papel importante na alimentação desses grupos, pois documentos etnográficos apontam essas áreas como refúgios dos grupos indígenas. Portanto, para se

⁴ Antigos locais de conexão das áreas de drenagem com o mar, os quais, hoje, se encontram obstruídos pelo caminhar das dunas móveis.

⁵ Antigos estuários obstruídos pela ação das dunas móveis.

abrigar em uma vegetação e usá-la como área estratégica é necessário um conhecimento prévio da mesma e que esta lhes ofereça condições para tal atividade.

Então, como pensar a relação dos grupos indígenas que ocuparam a costa piauiense e sua relação com a paisagem? Esse questionamento nos conduzem a outras indagações. Dentro da realidade que nos foi apresentado na Praia de Carnaubinha, o contexto arqueológico e ambiental dos sítios Três Marias e Complexo de Sambaquis de Carnaubinha nos encaminha a seguinte pergunta: qual a necessidade de ocupar aquele local e, por que o material arqueológico somente aparece sobre as dunas?

3.4 Temporalidade das paisagens costeiras do Piauí

Em relação à percepção ambiental desses grupos e sua relação com a paisagem, a intenção aqui é levantar aspectos que nos permitam entender qual a relação dos grupos indígenas com as dunas. Ao observar as áreas adjacentes a partir das dunas fixas que encontram os sítios da Praia de Carnaubinhas, é possível ter uma visão panorâmica de toda a extensão do litoral do Piauí, assim como da Serra da Ibiapaba. Tendo como pano de fundo o contexto da colonização dessa região, essas dunas poderiam ter funcionado como uma espécie de “mirante” por esses grupos em um contexto estratégico de autonomia dessa região. Dessa forma, a ocupação desses sítios seria estratégica nesse contexto. Observando a dispersão do material arqueológico, um dado que chama a atenção é a existência de uma grande concentração de material malacológico e cerâmico na crista dessas dunas, bem como nas áreas inter-dunares abertas por deflação eólica⁶. Isso nos permite pensar em uma relação de percepção da área como de fundamental estratégia na manutenção desses grupos.

Assim, nos interessa saber como esses grupos percebem os aspectos físicos da paisagem e dentro do seu universo social, cultural e político, é como esses aspectos às suas necessidades cotidianas. Ingold traz alguns conceitos pertinentes para essas indagações.

O conceito de temporalidade e paisagem de Tim Ingold (1993) foi utilizado nesse trabalho para dar subsídios às discussões voltadas para paisagem em termos socioculturais, não esquecendo os seus aspectos naturais que têm influência nas relações estabelecidas entre os grupos que habitaram o litoral do Piauí. Este autor se referiu à vida humana como um processo que envolve a passagem do tempo, processo este que está diretamente relacionado com a formação das paisagens em que as pessoas vivem. Essa noção de temporalidade e

⁶ Ação do vento que retira o sedimento arenoso de algum local, tendo como consequência a abertura de “corredores”.

paisagem de Tim Ingold foi aqui utilizada, por permitir transpassar a oposição entre a visão naturalista da paisagem alheia às atividades humanas e à visão culturalista, e a paisagem é vista como sendo de ordem cognitiva ou simbólica, particular de espaço (INGOLD, 1993).

Para substituir essas duas noções supracitadas Ingold (1993) propõe uma “perspectiva de habitação”, onde, segundo o autor, “[...] the landscape is constituted as an enduring record of - and testimony to - the lives and works of past generations who have dwelt within it, and in so doing, have left there something of themselves [...]” (p. 152). Porquanto, a experiência imediata passa a ser o foco das análises, por privilegiar a ideia de que as pessoas derivam da duração do seu envolvimento todos os dias no mundo.

O conceito de temporalidade desenvolvido por Ingold (1993) não é cronologia e não é a história. Assim, é excluído qualquer sistema que estabelece intervalos de tempo, onde os eventos são inseridos, assim como qualquer série de eventos que possam ser datados no tempo conforme sua ocorrência em outro intervalo cronológico. Para Tim Ingold (1993, p. 153, grifos do autor) paisagem não é “terra”, não é “natureza” e não é “espaço”. Essas três noções excluem a possibilidade de a paisagem ser vista como quantitativa e homogênea, anula a oposição dualista entre sujeito e objeto, como também a ideia de que a paisagem é um espaço representado. Em suma, “[...] the landscape is the world as it is known to those who dwell thereing, who inhabit its places and journey along the paths connecting them [...]” (ibid, p.156).

Os conceitos estabelecidos por Ingold sobre temporalidade e paisagem nos permite pensar em uma relação entre indígena no litoral do Piauí e paisagem criada em cima das relações estabelecidas no contato e, assim, supor que a função estratégica dos sítios da Praia de Carnaubinha se estabeleceu dentro das experiências imediatas que foram surgindo ao longo do processo de colonização.

Tomando a paisagem em seus aspectos sociais e culturais de construção, como pensar em uma habitação da Praia de Carnaubinha, considerando as dunas como uma área estratégica? Qual seria a necessidade de permanecer no meio das dunas? Esses são questionamentos ainda distantes de serem resolvidos, mas que se fazem pertinentes para o entendimento da construção desses sítios. As dinâmicas políticas, sociais e culturais podem ter tido influência direta na elaboração de tais formas de habitação.

Vejamos a situação em que os grupos nativos se encontravam durante as incursões europeias na costa do Piauí. Esses grupos tiveram que se organizar de tal forma que fosse mantida sua autonomia na região. Daí a importância de estar entre as dunas, de ocupar as áreas mais altas, as cristas das dunas, como no caso da Praia de Carnaubinha, onde suas dunas

dão uma visibilidade privilegiada do todo o litoral piauiense, sendo, ainda, possível observar o estuário do Parnaíba, e também o estuário do Timonha/Ubatuba. Isso dá uma vantagem para se articular contra possíveis investidas vindas pelo mar, tornando a ocupação da Praia de Carnaubinha de extrema relevância para a manutenção de uma autonomia desse litoral, por parte desses grupos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os conceitos supracitados sobre paisagem, temporalidade, criação de contextos particulares, oriundos de contatos multiétnicos e separação entre pré-história e história, o agente social ativo ganha destaque quando se pensa em mudanças históricas, com a possibilidade de “[...] interpretar um episódio particular de mudança [...] repentina na cultura material, onde sua combinação com evidência documental pode ser usada para lidar com questões de estrutura e formação social [...]” (JOHNSON, 2010, p. 149).

Trabalhando esses conceitos de forma conjunta, é possível interpretar os dados arqueológicos presentes nos sítios do litoral do Piauí sob a perspectiva de que, possíveis mudanças na estrutura sociocultural, ocorridas pela interação dos nativos com grupos de colonos (europeus, mercadores, corsários e piratas) que passaram pelo litoral piauiense, podem ter surgido por meio da intencionalidade do agente social, cuja comprovação ou não dessa “contribuição” na estruturação sociocultural desses grupos étnicos pode ser verificada por meio de estudos que conciliam a combinação de dados arqueológicos e fontes escritas (JOHNSON, 2010).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P. T. S.; SPENCER, W. B. **Projeto arqueológico: o homem das dunas (RN)**. CLIO – série arqueológica. Recife: UFPE, nº 10, p.176-188, 1994.

APOLINÁRIO, J. R. **Os Akroá e outros indígenas nas fronteiras do Sertão** – As práticas das políticas indígena e indigenista no norte da capitania de Goiás – Século XVIII. Recife: UFPE, 2005. (Tese de doutorado digitada), p. 269.

BALÉE, W. Sobre a Indigeneidade das Paisagens. **Revista de Arqueologia**, 21, n.2, p. 09-23, 2008

BANDEIRA, A. M. **Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís-Maranhã**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, (Dissertação de mestrado digitada). 2008.

BANDEIRA, A. M. O sambaqui do Bacanga na ilha de São Luís-Maranhão: inserção na paisagem e levantamento extensivo. **Revista Canindé**, Museu de Arqueologia de Xingó. São Cristóvão/SE, n. 8, 2006.

BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. London: Fontana. 1973.

BEZERRA, D. C. Análises de modelos para aplicação do conceito de sítio arqueológico. **Revista Canindé**, Museu de Arqueologia de Xingó - UFS, n 1, 2001.

BOCCARA, G. Antropologia diacrônica: dinâmicas culturales, procesos históricos y poder político. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, BAC, 2005. Disponível em: < <http://nuevomundo.revues.org/589> > Acesso em: 10 fev. 2007.

_____. Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. n. 1, 8 fev. 2001. Disponível em: < <http://nuevomundo.revues.org/426> > Acesso em: 29 mai. 2007.

_____. **Colonización, Resistencia y Mestizaje en las Américas (Siglos XVI-XX)**. Quito: Abya-Yala, Instituto Francés de Estudios Andinos, 2002. (Primeira parte).

_____. Génesis y estructura de los complejos fronterizos euro-indígenas. Repensando los márgenes americanos a partir (y más allá) de La obra de Nathan Wachtel. **Memoria Americana: cuadernos de etnohistoria**, Buenos Aires: Sociedade Argentina de Antropologia; Universidade de Buenos Aires, n. 13, p. 21-52, 2005.

BORGES, J. F. **O Sítio Arqueológico Seu Bode: Estudo do Material Lítico, Cerâmico, Ósseo e malacológico**. Teresina: NAP/UFPI, 2001. (relatório PIBIC/CNPq/UFPI e NAP/UFPI).

_____. **O Sítio Arqueológico Seu Bode: em Busca de um Lugar na História**. Teresina: UFPI, 2002. (Monografia de final de curso digitada).

_____. **Os sítios arqueológicos do litoral piauiense: identificação e avaliação**. Teresina: NAP/UFPI, 2003. (Relatório Núcleo Antropologia Pré-História entregue ao IPHAN).

_____. **A história negada: em busca de novos caminhos**. Teresina: FUNDAPI, 2004.

_____. **Sob os Areais - Arqueologia, história e memória**. Teresina: UFPI, 2006. (Dissertação de mestrado digitada).

_____. **Os senhores das dunas e os adventícios d'Além Mar: primeiros contatos, tentativas de colonização e autonomia tremembé na costa Leste-Oeste (Séculos XVI e XVII)**. 2010, 362 f. Tese (Tese de Arqueologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BUTZER, K. **Arqueología – Una Ecología del hombre**. Barcelona: Bellaterra. 1989.

CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A. O Pensamento Ecológico de Tim Ingold. **Anuário de Antropología Social y Cultural en Uruguay**, Vol. 10, 2012.

CALIPPO, F. R. **Os sambaquis submersos de Cananéia**: um estudo de caso de arqueologia subaquática. 2004, p.135, anexos. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. The submerged shell mounds of Cananéia, São Paulo, Brazil: a case study of underwater archaeology. **Proceedings of the XVth Congress of theUISPP, Colloquia Coastal Geoarcheology**. 2006.

_____. **Sociedade Sambaqueira, Comunidades Marítimas**. 2010, 311 f. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo – MAE, São Paulo, 2010.

_____. Os sambaquis submersos de Cananéia: um estudo de caso de arqueologia subaquática. **Revista de Arqueologia Americana**, 26, p. 153-172.

_____. Sociedade Sambaqueira, Comunidades Marítimas. **Revista de Arqueologia Brasileira**, 24, v.1, 2011.

_____. **Arqueologia do Litoral do Piauí**. Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP/UFPI), 2014. (Projeto de Pesquisa/CNPQ).

NOWATZKI, C. H. **Fundamentos de geologia arqueológica**. Núcleo de Estudos e pesquisas em geologia arqueológica – NEPGEA, São Leopoldo – RS, 2005.

CARVALHO, J. R. F. **Resistência Indígena no Piauí Colonial: 1718-1774**, Imperatriz: Ética, 2005, 130p.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 343 p.

CHAVES. J. **O índio no solo piauiense**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

COLLEY, E.; SIMONE, L. R. L.; SILVA, J. L. **Estudos de Biologia, Ambiente e Diversidade**. 2012 jul./dez., 34(83), p. 175-190.

CORRÊA. A. A. **Pindorama de Mboia e Îakaré – Continuidade e Mudança na trajetória das populações tupi**. 2014, 462 f. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo – MAE, São Paulo, 2014.

COUTINHO, H. R. N. **Geoarqueologia no litoral do Piauí**: pensando os processos formativos de um sítio sobre dunas. Dissertação. Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Teresina, 2016.

COUTINHO, H. R. N. **Processos formativos e fatores ocupacionais**: uma análise comparativa os sítios arqueológicos Sambaqui da Baixa Fria e o Sambaqui da Baía. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação. Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre. Teresina, 2013.

CUNHA, M. C. Introdução a uma história indígena. In: _____ (org.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. p. 9-24.

_____. Imagens de índios no Brasil: o século XVI. **Estudos avançados**, São Paulo, v.4, n.10, 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artext&pid=S0103-10141990000300005&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 mai. 2007.

DEAGAN, K., M. SCARDAVILLE. Archaeology and History on Historic Hispanic Sites: Impediments and Solutions. **Historical Archaeology**, v.19, n.1, p.32-37, 1985.

DEETZ, J. Archaeological Investigations at La Purisima Mission. In **Archaeological Survey Annual Report 5**, pp. 161-241. University of California, Los Angeles. 1963.

_____. Archaeological Evidence of Sixteenth- and Seventeenth-Century Encounters. In **Historical Archaeology in Global Perspective**, edited by L. Falk, pp. 1-10. Smithsonian Institution Press, Washington, D.C. 1991.

DE BLASIS, P; KNEIP, A; SCHEEL-YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo César; GASPAR, Maria Dulce. **Sambaquis e Paisagem. Dinâmica natural e arqueologiarregional no litoral do sul do Brasil**. Arqueologia Suramericana/Arqueologia Sul - Americana, 3, p. 20-28. 2007.

FAUSTO, C. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. p. 381-396.

FIGUTI, L. **Economia/alimentação na pré-história do litoral de São Paulo**. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org.). Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000. p. 197-203;

FUNARI, P. P.; JÔNES, S.; HALL, M., Eds. 2003 **Historical Archaeology: Back from the Edge**. London: Routledge.

GASPAR, M D; KLOKLER, D; BIANCHINI, G. F. Arqueologia estratégica: abordagens para o estudo da totalidade e construção de sítios monticulares. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 8, n. 3, p. 517-533, set./dez. 2013.

GASPAR, M. D. Considerations of the sambaquis of the Brazilian coast. IN: **Antiquity**. Special Section: Issues in Brazilian archaeology, v 72, n. 277, 1998, p. 592-615.

GASPAR, M. D.; DEBLASIS, P. Construção de sambaquis: síntese das discussões do grupo de trabalho e colocação da proposta original In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 6., 1992, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SAB, 1992. v. 2, p. 811-820.

GASPAR, M. D. Considerations of the sambaquis of the brazilian coast. **Antiquity**, v. 72, n. 277, p. 592-615. 1998.

GUIDON, N. As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia). 2010.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. p. 53-86.

INGOLD, T. **The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations**. Manchester: Manchester University Press. 1986.

_____. The Temporality of The Landscape. **World Archaeology**. V. 25, n. 2, p. 152-174, 1993.

_____. **The perception of the environment**. Essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção na **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

_____ Bindings against Boundaries: entanglements of life in an open world. **Environment and Planning A**. 2008, v. 40, p. 1796-1810.

JOHNSON, M. H. Concepções de agência em interpretação arqueológica. **VESTÍGIOS - Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica**, Belo Horizonte, V 4, nº2, p. 149-173. jul-dez/2010.

LIGHTFOOT, K. G. Culture contact studies: redefining the relationship between prehistoric and historical archaeology. **American Antiquity** 60, 1995, p.199–217.

LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira II. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, p. 270-327, dez/fev. 1999/2000.

_____. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas 6(1):11-23.

MARTIN, G. OLIVEIRA, *et al.* Arqueologia de Salvamento na Praia de Sabiaguaba, Fortaleza-CE. **CLIO Arqueológica**, Recife: UFPE, n. 16, v. 1, p. 149-166, 2003.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Lisboa: Edições 70, 2001. 197 p.

MONTEIRO, J. M. **Tupis, tapuias e historiadores**: estudos de história indígena e do indigenismo. Campinas: UNICAMP, 2001. p.1-78. (cap. 1, 2 e 3). (Tese de livre docência digitada). (Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2007).

NAP – Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (UFPI). **Projeto de pesquisa**: Mapeamento e Caracterização dos sítios arqueológicos costeiros do litoral do Piauí. Teresina, 2012-2014.

NEHG – Núcleo de Estudos Histórico-Geográficos (UFPI). **Relatório de atividades período**

setembro a dezembro –1994. Teresina, 1994. (Digitado).

_____. **Relatório de atividades período janeiro a junho – 1995.** Teresina, 1995. (Digitado).

_____. **Relatório final do sub-projeto:** projeto de pesquisas arqueológicas no litoral Piauí-Maranhão. Teresina, 1996. (Digitado).

NIMUENDAJU, C. In: IBGE. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju.** Rio de Janeiro: IBGE/Fundação Nacional Pró-Memória, 1987. 94 p.

OBERMEIER, F. Documentos inéditos para a história do Maranhão e do Nordeste na obra do capuchinho francês Yves d'Évreux *Suite de l'histoire (1615)*. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 1, p. 195-251, jan-abr. 2005.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira.** Brasília-DF: Universidade de Brasília, 1992.

_____. **O Brasil antes dos Brasileiros: a pré-história do nosso país.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006 (série Nova Biblioteca de Ciências Sociais), 141p.

SANJUAN, L. G. **Introducción al Reconocimiento y Análisis Arqueológico del Territorio.** Barcelona. Ariel, 2005.

SCHEEL-YBERT R.; *et al.* Novas perspectivas na reconstituição do modo de vida dos sambaquieiros: uma abordagem multidisciplinar. **Revista Arqueologia**, 16: 109-137, 2003.

SILVA, J. C. **Arqueologia no Médio São Francisco: Indígenas, vaqueiros e missionários.** Recife: UFPE, 2003. (Tese de doutorado digitada).

SOARES, K. A. **A ocupação da ponta de Jericoacoara por grupos ceramistas:** subsídios tecno-tipológicos e etno-históricos. Dissertação (Mestrado em Arqueologia – UFPE). Recife, 2009.

TILLEY, C. Do corpo ao lugar à paisagem – uma perspectiva fenomenológica. **VESTÍGIOS - Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica**, Belo Horizonte, V 8, nº1, p. 21-62. jan-jun/2014.

TRIGGER, B. **História do Pensamento Arqueológico.** Tradução Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus, 2004.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos índios do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. p. 89-102.

VIANA, V; SOARES, K; SOUZA, L. D. Os antigos habitantes da praia de Jericoacoara, Ceará: Arqueologia, História e Ambiente. **Clio Arqueológica.** Recife: UFPE, n. 22, v. 1, p. 177-202, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002, 551p.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

COUTINHO, H. R. N; CALIPPO, F. R. Contato Cultural e Fronteiras Étnicas no Litoral do Piauí: Problemáticas e Possibilidades. **Rev. FSA**, Teresina, v.14, n.6, art.4, p. 72-94, nov./dez. 2017.

Contribuição dos Autores	H. R. N. Coutinho	F. R. Calippo
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	